

O IMPÉRIO DO CRONISTA: A COLABORAÇÃO DE ARTUR AZEVEDO NO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS 1885/1886.*

Esequiel Gomes da SILVA¹

RESUMO: O “De palanque” era uma seção diária assinada por Artur Azevedo no periódico *Diário de Notícias*. Nele eram feitos comentários acerca da vida social, artística e cultural da capital do império. Na condição de homem público, o jornalista usava seu espaço na imprensa para divulgar as artes em geral: teatro, música, escultura, pintura, literatura. Mas além da esfera cultural, o cronista também se interessava por assuntos como, secas, enchentes, assassinatos, suicídios, que atingiam diretamente a população. Com este trabalho interessa-nos, pois, fazer uma apresentação geral da referida seção, levando em consideração os temas abordados pelo crítico para escrever seus artigos.

Palavras-chave: Artur Azevedo; Crônica; Imprensa; Cultura.

RESUMEN El “De palanque” fue una sección cotidiana firmada por Artur Azevedo en el periódico *Diário de Notícias*. En el habían comentarios respecto a la vida social, artística y cultural de la capital del Imperio. En la condición de hombre notorio, el periodista utilizaba su espacio en la prensa para pregonar las artes en general: teatro, música, escultura, pintura, literatura. Pero, además de la atmósfera cultural, al cronista también le interesaban los temas como las sequías, inundaciones, asesinatos, suicídios, que tocaban directamente a la población. Con este trabajo importamos, pues, hacer una presentación general de la dicha sección, llevando en cuenta los contenidos abordados por el crítico para escribir sus artículos.

Palabras-clave: Artur Azevedo; Crônica; Prensa; Cultura.

Ao se falar em produção teatral no final do século XIX, o nome de Artur Azevedo (1855-1908) se destaca, não só pela vasta contribuição para uma dramaturgia que se tentava consolidar no Brasil, como por sua atuação enquanto crítico teatral e cronista de jornais que circulavam na Corte no período em questão. Essa afirmação é confirmada por Raimundo Magalhães Júnior que, no estudo intitulado *Artur Azevedo e sua época* (1966), aponta o dramaturgo maranhense como uma espécie de papa da crítica teatral brasileira, atividade inaugurada em 1836 pelo acadêmico Justiniano José da Rocha, como bem lembra João Roberto Faria (2001).

Explicando melhor, o ofício de crítico teatral surgiu no século XIX dentro do folhetim: espaço que, em sua gênese, era destinado aos mais diversos assuntos, mas que, com o decorrer do tempo, passou a se dedicar a temas mais específicos, como a crítica a espetáculos que se representavam nos teatros, não perdendo, porém, seu caráter diversificado, conforme assinala Marlyse Meyer no ensaio intitulado “Voláteis e versáteis, de fragmentos e folhetins se fez a crônica” (1985). Foi esse o modelo de crônica que Artur Azevedo escreveu durante

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual Paulista/Campus de Assis. Bolsista FAPESP

toda a vida como colaborador de jornais. Contudo, as crônicas diárias que o autor de *A Capital Federal* escreveu na imprensa carioca, na maioria das vezes, só foram lembradas em função da necessidade de se legitimar algum argumento que se tentava desenvolver.

Alguns estudiosos como Rubens José de Souza Brito (1989), Paulo Sérgio Dias (2004), Antonio Martins (1988), Joel Pontes (1963) e Fernando Antonio Mencarelli (1999) privilegiaram Artur Azevedo como objeto de pesquisa, porém, seus interesses estavam sempre voltados para a produção teatral do dramaturgo maranhense. Até onde sabemos, somente a pesquisadora Larissa Neves de Oliveira (2002) realizou um trabalho focalizando aspectos da produção jornalística deste autor. No entanto, seu *corpus* centrou-se nos textos da seção “O teatro”, contida no periódico *A Notícia* entre os anos de 1894 e 1908. É importante ressaltar que Artur Azevedo produziu textos na imprensa desde de 1873 – ano em que chegou ao Rio de Janeiro – até 1908, ano de sua morte. Como vemos, foram mais de trinta anos de colaboração em vários jornais da capital do Império.

Todos esses dados nos levam à conclusão de que escapou à crítica acadêmica uma pesquisa que explore, efetivamente, suas qualidades enquanto cronista de jornal. Eis a razão pela qual dedicamos nosso estudo às crônicas da seção “De Palanque”, por ele escritas, sob o pseudônimo de “Elói, o herói”, e publicadas diariamente no periódico *Diário de Notícias* durante os meses de Junho de 1885 a Junho de 1886, época em que a cena teatral brasileira era dominada por gêneros ligeiros como a revista, a opereta e a mágica, como mostram Fernando Antonio Mencarelli (2003) e João Roberto Faria (2001).

Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1994), até a primeira metade do século XIX, a imprensa carioca se constituía de pequenos jornais, em geral ligados a grupos políticos, sem pretensão de atingir um grande público. A mudança de paradigma teria acontecido em 1874 com a fundação da *Gazeta de Notícias*, dando início assim ao “novo jornalismo” que viria dinamizar o processo de massificação cultural da sociedade carioca. Em virtude do caráter comercial, esse jornalismo tencionava atingir um público cada vez maior; mas para alcançar esse objetivo era preciso registrar acontecimentos cotidianos, os mais diversos, que constituíam o interesse do grande público, o qual se não era visto como o leitor ideal para um país que caminhava para a modernização, ao menos servia para garantir a permanência de circulação de vários jornais nos mesmos moldes do precursor da nova imprensa.

Essa foi a receita de um caminho de sucesso seguido prontamente por tantos outros periódicos, dentre eles, o *Diário de Notícias*, nosso foco de interesse. Caracterizando um pouco, o jornal para o qual voltamos nossa atenção era de propriedade de Carneiro, Senna &

Cia e tinha sua tipografia à rua do Ouvidor- 118; começou a circular em 06 de junho de 1885 com uma tiragem de 20.000 exemplares, passando para 21.000 em 02 de Outubro do mesmo ano e para 22.000 em 05 de Janeiro de 1886. Esses dados são importantes, na medida em que revelam o grau de aceitação de um periódico recente, mas já representando um forte concorrente da *Gazeta de Notícias*, jornal que havia iniciado seus trabalhos há onze anos, chegando em 1886 com uma tiragem de 24.000 exemplares.

Seguindo a lógica do “novo jornalismo”, além de matérias relacionadas à vida política da Corte e do país e ao mundo artístico, o *Diário de Notícias* também privilegiava como objeto de interesse assuntos da vida comum como, assassinatos, suicídios, incêndios, brigas de capoeiras e epidemias que assolavam a população. Voltando a atenção para o espaço destinado às artes, além do folhetim, havia uma coluna anônima intitulada “Foyer” e o “De Palanque”, assinado por Elói, o herói, pseudônimo de Artur Azevedo, como dissemos. Sobre a primeira coluna, cumpre observar que funcionou mais como um canal de informação dos espetáculos teatrais que se representavam na Corte do que como crônica teatral propriamente dita. Sobre o “De Palanque”, podemos dizer que ele constituiu a “viga mestra” do *Diário de Notícias* – tomando aí de empréstimo a expressão de Marlyse Meyer – na medida em que sempre ocupava o corpo do periódico e era assinado, exclusivamente, por Artur Azevedo. Devemos caracterizá-lo, efetivamente, como um espaço aberto onde eram divulgadas notícias relacionadas a fatos políticos e sociais, mas também onde eram feitos comentários sobre arte e cultura em geral.

Alguns conflitos de cunho ideológico levaram o redator a se retirar do *Diário de Notícias* com o seu “De Palanque” por duas vezes, mas, posteriormente, foi convidado a retornar. O crítico maranhense chegou a se ausentar do *Diário* por um período de um ano e quatro meses e, mesmo depois desse longo tempo, foi chamado para ocupar o lugar que lhe pertencia. Esses dados evidenciam o prestígio que o crítico e o “De Palanque” desfrutavam na imprensa do Rio de Janeiro.

Eis aqui uma espécie de carta-programa publicada por Artur Azevedo:

Nestas colunas tratarei de tudo, menos do que não entendo, analisando frivolumente *quid deceat, quid non*. Apreciação ligeira de um quadro que se expõe, de uma peça que se representa, de um fato que se produz, de um livro que se publica; hoje uma frase lisonjeira a este artista; amanhã uma catanada naquele mau poeta; efêmeras impressões, escritas sem pedantismo nem outra pretensão que não seja a de conversar com o leitor durante alguns minutos; orgulhoso propósito de não deixar desaforo sem resposta, parta de onde partir – eis o que sempre foi o *Palanque* no *Diário de Notícias*, e o será nas *Novidades* (De palanque, 26/03/1887).

Dada a impossibilidade de transcrevermos o programa jornalístico das próprias páginas do *Diário de Notícias*, uma vez que a metade do primeiro número desse jornal se encontra mutilado, retiramos o trecho acima do periódico *Novidades*, para onde o cronista migrou com sua seção em uma das vezes que deixou de colaborar no jornal em que surgiu o “De palanque”. Com a proposta acima citada, o papa da crítica teatral evidencia que seu interesse estava ligado a todos os assuntos que agitavam a sociedade carioca, embora, em aproximadamente 70% de todas as crônicas que compõem nosso *corpus*, o redator tenha privilegiado o mundo artístico, quer no âmbito da pintura, da escultura, do teatro ou da literatura como área de atuação, o que em nossa visão revela um intelectual empenhado com a cultura brasileira. Por isso, partilhamos da idéia de que esse material merece maior atenção no meio acadêmico.

Todas essas informações nos levam a crer que, tendo em vista a posição de destaque que ocupava na imprensa, e na condição de formador de opinião, Artur Azevedo utilizava sua coluna diária como veículo de intervenção política, social, artística e cultural, através do qual expunha seu modo de pensar, tentando mudar a mentalidade de um povo que ele mesmo classificava como indiferente, sobretudo, em matéria de arte. Não seria exagero afirmar que a coluna sobre a qual nos debruçamos era uma forma de divulgação da cultura letrada numa sociedade de iletrados. É importante enfatizar, que as crônicas que compõem nosso *corpus* ainda não foram reunidas em coletânea, sendo possível ter acesso a elas somente pela consulta ao *Diário de Notícias*.

Levando-se em consideração o fato de tais crônicas serem escritas diariamente, elas oferecem ao leitor a possibilidade de acompanhar as minúcias do movimento cultural da capital do Império, nos anos de 1885 e 1886. Assim sendo, além do repertório teatral da época, é possível também conhecermos um pouco mais dos agentes envolvidos nesse contexto, uma vez que o cronista não esqueceu de dar destaque a aspectos como: a efemeridade das empresas teatrais, a instabilidade profissional dos artistas, a difícil condição financeira dessas pessoas e o esquecimento a que eram relegadas na velhice. Nesse sentido, podemos atestar que suas crônicas tinham a peculiaridade de mostrar um lado da vida artística que, *a priori*, o público não via ou fingia não ver.

Através das crônicas que se referem à crítica teatral propriamente dita, percebemos o trabalho de um crítico, às vezes mordaz, mas sobretudo exigente no que se refere à representação, incluindo-se aí, gestos, olhares, cenários, figurinos, enfim, todos os elementos considerados pela teoria da representação como responsáveis pelo sucesso de público de uma

produção teatral. Com isso, destacamos o valor da crítica de um intelectual que também desempenhava a função de autor dramático em constante atividade e, enquanto tal, conhecia a fundo a matéria a que se propunha comentar. Característica que não se atribuía a seus contemporâneos, como Filinto de Almeida, Valentim Magalhães, Carlos de Laet, Oscar Pederneiras, enfim, toda uma geração muito mais de espectadores do que de dramaturgos.

As companhias teatrais, cujo objetivo era manter-se em funcionamento, buscando agradar o público e, dessa forma, garantir emprego para uma gama variada de profissionais, também têm suas histórias nas crônicas escritas no “De Palanque”. Além disso, a cena teatral configurada nos textos dessa seção mostra a estética do final do século XIX, ou seja, o modo de representação dos artistas, a encenação, o figurino, enfim, todos os elementos privilegiados por uma crítica que se pautava mais no espetáculo e menos no texto.

Há que se ressaltar ainda, que as crônicas em questão retratam um período fortemente marcado pela idéia de regeneração do teatro nacional, sendo que a produção desse teatro envolvia, principalmente, sujeitos vindos da Europa, o que o tornava, por assim dizer, dependente daquele continente. Nesse sentido, os textos de Artur Azevedo contribuem para refletirmos sobre o papel do teatro europeu, em particular o português (com empresários e atores) e o francês (com os gêneros opereta, mágica e revista de ano) para a formação da dramaturgia brasileira.

Na concepção de muitos artistas anônimos, o “De Palanque” representava uma oportunidade de projeção no mundo das letras. Através dessa seção, o poeta Olavo Bilac foi apresentado ao público fluminense, em 12 de dezembro de 1885. 23 anos depois, por ocasião da morte de Artur Azevedo, Bilac prestou-lhe homenagem, publicando na *Gazeta de Notícias* uma crônica, na qual lembrava o episódio e evidenciava as qualidades do dramaturgo. A crônica em questão constitui uma espécie de testemunho do poeta parnasiano sobre as dificuldades encontradas no início da carreira de escritor, bem como acerca da importância do pai da *Filha de Maria Angu* para os que aspiravam ascender no mundo literário. Segundo ele, quando ainda era um poeta obscuro, paupérrimo e desamparado, querendo abrir caminho na vida com os próprios cotovelos fracos em que se puía o pano do seu único paletó, Artur Azevedo já era o príncipe da crônica. Resolveu então, mandar-lhe dois sonetos que foram estampados no dia seguinte nas páginas do *Diário*.

Eis o momento lembrado pelo poeta: “O nome de Olavo Bilac bem cedo fulgurará entre os melhores da nossa literatura. O leitor não conhece talvez esse poeta, que raramente aparece na *Semana* ou na *Estação*. Vou ter a honra de apresentá-lo, por intermédio de dois magníficos sonetos” (De palanque, 15/12/1885). Depois de transcritas as poesias *No limiar da*

morte e Passeio matinal, o dramaturgo maranhense finaliza a crônica: “Vêm, pois, que não é preciso ser profeta para assegurar a Olavo Bilac um brilhante futuro nas letras brasileiras” (De palanque, 15/12/1885). Para Bilac, o autor de *A capital federal* era o jornalista que dava o amparo da sua popularidade, o prestígio do seu nome e a proteção da sua bondade generosa aos escritores novatos. Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira também subiram ao palanque, conduzidos por Artur Azevedo. Esse era o modo encontrado pelo cronista para colocar o leitor em contato com versos bem escritos, como ele próprio dizia.

Além do exemplo de Bilac, percebemos uma gama de cartas, nas quais os leitores pediam apreciação sobre suas poesias, pedidos estes que o cronista atendia de imediato, criticando formas e sugerindo sempre que a arte literária requer conhecimentos indispensáveis e muito estudo. Muitas vezes, porém, ele respondia de modo extremamente irônico, chegando mesmo a ridicularizar a imagem do aspirante a poeta. Aliás, a ironia e o riso são traços bastante recorrentes em seus escritos. Enfim, sempre que recebia em mãos uma nova produção literária Artur Azevedo discorria sobre ela, embora não se considerasse um crítico.

Pensando um pouco mais na área de atuação de Artur Azevedo, podemos assinalar que suas crônicas representam um microcosmo cultural do Brasil, nos anos para os quais nos voltamos. Como já dissemos, o crítico se preocupava com a vida artística e cultural em sentido amplo. Por isso, sempre que passava na Glace Élégante e no ateliê De Wilde trazia para os leitores sua apreciação sobre quadros expostos nos referidos estabelecimentos culturais. Agindo dessa maneira, divulgava os trabalhos de pintores ilustres como Victor Meirelles, Pedro Américo, Antonio Parreiras, Henrique Bernadelli e Thomaz Driendl, mas também os de alguns aspirantes anônimos nessa arte.

Consciente do nível de circulação do jornal para o qual escrevia, Artur Azevedo utilizava-se do espaço do “De Palanque” para fazer campanha em prol das Belas Artes, e para reclamar um espaço permanente para a pintura na imprensa. Foi através de sua seção jornalística que o crítico tentou ajudar Victor Meirelles a angariar fundos para a realização de um projeto de pintura do panorama da cidade do Rio de Janeiro. Convocando os leitores a colaborar, Artur alegava que era essa a forma de proteger a arte e ainda contribuir para o engrandecimento do país, visto que o referido quadro seria pintado em Paris, viajaria pela Europa e pela América até chegar ao Rio de Janeiro, onde ficaria definitivamente exposto.

Ainda no âmbito das Belas Artes, o crítico dava espaço também para a escultura, comentando e divulgando trabalhos de artistas como Rodolfo Bernadelli, para citar ao menos um exemplo.

Não se considerava um crítico literário, e crítico também não era em assuntos de música, mas, mesmo assim aventurava-se nessa arte e mostrava no “De palanque” os trabalhos de músicos e maestros como Miguel Cardoso, Abdon Milanez e Cardoso de Meneses.

Se o jornalista maranhense empenhava-se em contribuir para a divulgação da arte e da cultura, por outro lado, não esquecia os problemas da vida comum. Nesse sentido, o “De Palanque” funcionava como veículo de utilidade pública, na medida em que, através dele, o jornalista tratava de problemas de infra-estrutura, que atingiam diretamente o povo: a seca, a má distribuição de água, as enchentes, a falta de escoamento para a água da chuva, além de problemas que afetavam a moralidade pública, como a prostituição e a exposição de mulheres semi-nuas nos desfiles de carnaval. Contemplando esses dois pólos – o cultural e social – como matéria jornalística, o cronista satisfazia o gosto de dois tipos de leitores: o primeiro tipo, mais letrado e preocupado com as minúcias da vida cultural e, o tipo mais comum, com menos escolaridade, mas que também se identificava com os relatos de Artur Azevedo, uma vez que via os assuntos que faziam parte de sua realidade comentados no jornal. O cronista transitava de um para outro assunto com certa facilidade e conseguia relacionar, num mesmo texto, tragédias ocorridas no Rio de Janeiro com obras de Shakespeare, por exemplo. Enfim, os relatos de Artur Azevedo revelam vários problemas de funcionamento de uma sociedade que aspirava à modernização.

Quer no *Diário*, quer em outro jornal no qual colaborou, Artur Azevedo manteve-se fiel à sua proposta de levar arte e cultura para seus leitores. A forma que encontrou para realizar seu projeto foi através da linguagem irônica, leve, lúdica e sem pedantismo de sua crônica. Num momento em que o Brasil ainda mantinha um sistema econômico baseado no trabalho escravo – o que também era uma inquietação para Artur Azevedo – e que mesmo assim tentava se modernizar, os textos do cronista revelam a preocupação de um intelectual empenhado em colaborar para a construção de um país civilizado. Na mesma medida, os textos mostram um brasileiro preocupado com a imagem que o outro tinha a respeito do Brasil. Arte e cultura eram características essenciais de um povo civilizado, daí a recorrência de crônicas escritas com essa temática.

Com essa pequena exposição, nosso objetivo era mostrar, em linhas gerais, uma caracterização do “De palanque”, levando em consideração os assuntos sobre os quais Artur Azevedo se voltava. Todos os pontos aqui abordados serão desenvolvidos na Dissertação de Mestrado, que está em andamento.

FONTE PRIMÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **De Palanque**. Rio de Janeiro, 1885/1886.

NOVIDADES. **De Palanque**. Rio de Janeiro, 1887.

REFERÊNCIAS

BILAC, O. **Vossa insolência**: crônicas. Organização de Antonio Dimas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRITO, R. J. de S. **A linguagem teatral de Artur Azevedo**. 1989. 419 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

DIAS, P. S. **Colcha de retalhos**: Artur Azevedo e o teatro que divertia e formava: revistas de ano e “O mambembe”. 2004. 187 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FARIA, J. R. **Idéias teatrais**: o século XIX no Brasil. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2001.

MAGALHÃES, Jr, R. **Artur Azevedo e sua época**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MARTINS, A. **Artur Azevedo**: a palavra e o riso. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1988.

MENCARELLI, F. A. **Cena aberta**: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Artur Azevedo. Campinas, SP: Ed da UNICAMP, 1999.

_____. **A voz e a partitura**: teatro musical, indústria e diversidade cultural no Rio de Janeiro (1868-1908). 2003. 305 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MEYER, M. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

_____. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a crônica. In: **BOLETIM BIBLIOGRÁFICO – BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE**. São Paulo: Secretária Municipal de Cultura, 1985.

NEVES, L. de O. **“O teatro”**: Artur Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894-1908). 2002. Tomo I. 379 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PEREIRA, L. A. de M. **O carnaval das letras:** literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas – SP: Ed da UNICAMP, 1994.

PONTES, J. O teatro sério de Artur Azevedo. In **Anais Do Segundo Congresso Brasileiro De Crítica E História Literária**, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963.